

Educação sexual: Percepções dos professores de Ciências da Rede Estadual de Boa Vista/RR.

Sexual education: Perceptions of Science teachers of the State School System of Boa Vista/RR

Vitória Moreira Santos¹, Sandra Kariny Saldanha de Oliveira²

DOI: <https://doi.org/10.24979/bmirr.v15i1.980>

Resumo: A inserção da educação sexual no currículo escolar brasileiro e o desenvolvimento das práticas de educação sexual começaram no início do século XX. A educação sexual procura esclarecer questões relacionadas à sexualidade, sem preconceitos ou tabus. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar as percepções dos professores de ciências dos anos finais do Ensino Fundamental da rede estadual de Boa Vista/RR em relação à temática Educação Sexual no ensino de ciências. A pesquisa é caracterizada como um estudo de caso, do tipo descritiva e qualitativa, onde os participantes foram vinte e quatro professores de ciências dos anos finais do ensino fundamental das escolas estaduais selecionadas em cada zona urbana da cidade de Boa Vista/RR. A análise de dados ocorreu por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011). Os resultados demonstram que embora acreditem na abordagem interdisciplinar da temática, os professores ainda adotam metodologias de ensino e utilizam recursos didáticos que promovem apenas os aspectos biológicos da educação sexual, deixando de lado as dimensões sociocultural, psicológica, afetiva e ética da sexualidade humana. As metodologias mais utilizadas ao trabalhar a educação sexual são aulas expositivas, seminários, grupos de discussão, rodas de conversas, trabalhos de pesquisa, dinâmicas interativas e resolução de problemas. Conclui-se que o investimento em capacitações, material didático adequado e em projetos interdisciplinares que incluam os profissionais de saúde e a família são necessários para o desenvolvimento ideal da educação sexual no ensino de ciências nas escolas estaduais.

Palavras-chave: Sexualidade, ensino fundamental, professores de ciências, práticas pedagógicas.

Abstract: The insertion of sex education in the Brazilian school curriculum and the development of sex education practices began in the beginning of the 20th century. Sex education seeks to clarify issues related to sexuality, without prejudice or taboos. The aim of this research was to analyze the perceptions of science teachers in the final years of Elementary School in the state school system of Boa Vista / RR in relation to Sexual Education in science education. The research is characterized as a case study, descriptive and qualitative, with twenty-four science teachers from the final years of elementary school in state schools selected in each urban area of the city of Boa Vista / RR. Data analysis took place through content analysis by Bardin (2011). The results show that although they believe in the interdisciplinary approach to the theme, teachers still adopt teaching methodologies and use didactic resources that promote only the biological aspects of sex education, leaving aside the sociocultural, psychological, affective and ethical dimensions of human sexuality. The most used methodologies when working with sex education are expository classes, seminars, discussion groups, conversation circles, research papers, interactive dynamics and problem solving. It is concluded that the investment in training, adequate didactic material and in interdisciplinary projects that include healthcare professionals and the family are necessary for the ideal development of sex education in science teaching in state schools.

Keywords: Sexuality, Elementary School, science teachers, pedagogical practices.

1 Universidade Estadual de Roraima/UERR <https://orcid.org/0000-0002-3683-781X>.

2 Universidade Estadual de Roraima/UERR <https://orcid.org/0000-0002-6274-4609>.

INTRODUÇÃO

A inserção da educação sexual no currículo escolar brasileiro e o desenvolvimento das práticas de educação sexual começaram no início do século XX (Furlanetto et al., 2018). Na época, com ênfase no controle epidemiológico devido ao crescente índice de pessoas diagnosticadas com DST, principalmente AIDS. Entretanto, devido às discussões políticas e manifestos feministas, a perspectiva sobre a educação para a sexualidade mudou, passando a ser visto não apenas o caráter biológico, mas também o caráter social e psicológico para garantir a saúde física e mental dos estudantes (Rosemberg, 1985; Pereira; Monteiro, 2015; Furlanetto et al., 2018).

A educação sexual procura esclarecer questões relacionadas à sexualidade, sem preconceitos ou tabus. É um espaço aberto para o esclarecimento de dúvidas e preocupações relativas ao tema sem julgamentos ou constrangimento, promovendo o conhecimento necessário para desenvolver nos sujeitos as habilidades e valores éticos necessários para fazer escolhas saudáveis, responsáveis e respeitáveis sobre o próprio corpo, os relacionamentos, o sexo e a reprodução (Maia; Ribeiro, 2011; Vilaça, 2006).

Segundo Zompero et al. (2018) a educação para sexualidade é imprescindível na formação do estudante, onde a escola possui papel central na preparação do educando, tanto na formação pessoal quanto na social, porém, é necessária a capacitação dos profissionais de educação visando instruí-los e prepará-los para lidar com esses desafios (Caridade, 2008).

Partindo desse pressuposto, mesmo que o processo formativo dos professores, tanto no Magistério quanto nas licenciaturas, não os têm preparado para abordar a questão da sexualidade no âmbito escolar, cabe ao professor, como agente mediador da aprendizagem, fazer com que os alunos tenham acesso às informações claras, objetivas e científicas sobre a sexualidade (Figueiró, 2009).

Embora a educação sexual seja fundamental na escola, trabalhar esse tema não é uma tarefa fácil para os docentes (Barbosa et al., 2019a). Muitos educadores apresentam dificuldades em abordar o assunto, que vão desde razões pessoais, ausência do conhecimento específico relacionado à área e até a falta de orientação e de recursos metodológicos que os ajudem a realizar uma orientação adequada, evitando a transmissão de ideias, conceitos e preconceitos pessoais (Maia et al., 2006).

Deste modo, Furlanetto et al. (2018, p.561) afirmam que “no ambiente escolar, os professores de Ciências e Biologia têm sido os principais responsáveis pela educação sexual”. Essa atribuição, segundo Caridade (2008), se deve à formação inicial desses professores, que acaba os constituindo como um grupo de docentes potencialmente privilegiados para desenvolver a educação sexual.

No entanto, Lira; Jofili (2010, p.24) enfatizam que cabe “aos professores das diversas áreas do conhecimento a tarefa de orientação quanto à sexualidade, numa perspectiva transdisciplinar”. Visto que a transversalidade e interdisciplinaridade é fundamental para que os conteúdos não fiquem restritos aos aspectos biológicos e fisiológicos da educação sexual, mas que os aspectos sociocultural, psicológico, emocional e ético também sejam abordados, pois é o conjunto desses aspectos que dá sentido à sexualidade (Barcelos; Jacobucci, 2011).

Além disso, Rocha; França (2013) afirmam que existe uma tendência de recuo de pais ou responsáveis diante da responsabilidade de educar sexualmente os seus tutelados, seja por medo ou por ausência das informações necessárias para orientá-los corretamente, por isso recai sobre a escola o papel de educar e orientar sobre essas questões.

Todavia, há famílias que acreditam que a escola não deve se envolver na educação sexual dos alunos, como é o caso de alguns grupos religiosos, principalmente por acharem que ao falarem sobre sexualidade em contextos formais estarão incentivando o início precoce das práticas sexuais (Caridade, 2008).

Apesar das dificuldades existentes nas relações entre pais e escola, a formação de uma parceria entre esses dois sistemas interdependentes é fundamental para se alcançar uma educação sexual completa e excepcional para os jovens (Caridade, 2008).

No Brasil não existe nenhuma lei que regule o ensino de educação sexual nas escolas, no entanto, há documentos oficiais que norteiam a sua inserção e prática no ensino (Barbosa et al., 2019a). Dentre esses documentos norteadores estão o Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC. No estado de Roraima, também há o Documento Curricular de Roraima – DCR.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s abordam a educação sexual sob o tema transversal “Orientação Sexual”, onde todas as dimensões da sexualidade humana devem ser trabalhadas ao longo da formação escolar, entre todos os anos do ensino fundamental, de acordo com cada faixa etária, respeitando a intimidade e privacidade de cada aluno, devendo trabalhar as diferenças de gênero, a necessidade de respeito a si mesmo e ao outro, a diversidade de valores, crenças e cultura, bem como a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, da gravidez indesejada e do abuso sexual (Brasil, 1997).

Em contrapartida, segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC para o Ensino Fundamental das séries finais e o Documento Curricular de Roraima – DCR, que se fundamenta na BNCC, a temática sexualidade deve ser abordada exclusivamente na disciplina de ciências, para os alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental II, com enfoque nos mecanismos reprodutivos, puberdade, gravidez indesejada, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis e dimensões da sexualidade humana (Brasil, 2018; Roraima, 2019).

Neste contexto, explorar as concepções e opiniões dos professores de ciências que atuam em 24 (vinte e quatro) escolas estaduais da capital Boa Vista/RR em relação à educação sexual nos permitiu fazer um diagnóstico sobre como esse assunto é abordado nas escolas e nas aulas de ciências. Esta pesquisa teve como intenção contribuir com os futuros professores de ciências para que possam otimizar suas metodologias de ensino em relação à temática, proporcionando um ensino-aprendizagem no qual os alunos se tornem aptos a tomarem decisões responsáveis e saudáveis tanto sobre o próprio corpo e mente quanto pelo do outro. Deste modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as percepções dos professores de ciências dos anos finais do Ensino Fundamental da rede estadual de Boa Vista/RR em relação à temática Educação Sexual no ensino de ciências.

METODOLOGIA

A referente pesquisa é caracterizada como um estudo de caso, do tipo descritiva e qualitativa, que consiste em conhecer os aspectos da realidade, através da perspectiva dos participantes da pesquisa, sem fazer uso de elementos estatísticos para a análise de dados, buscando conhecer os significados e percepções do público-alvo da pesquisa (Zanella, 2013). Sendo assim, “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social” (Gerhardt; Silveira, 2009, p.32).

Além disso, o estudo de caso é uma estratégia metodológica que enfatiza entendimentos contextuais, sem esquecer-se da representatividade, apresentando caráter holístico, com a possibilidade de fazer generalizações através da particularização de um estudo profundo de um ou poucos objetos, possuindo caráter interpretativo constante (Meirinhos; Osório, 2010; Freitas; Jabbour, 2011).

Esta pesquisa realizou-se em quatro etapas: na primeira etapa, houve a seleção, por meio de sorteio, de 50% das escolas estaduais que ofertam os anos finais do ensino fundamental localizadas no centro e nas quatro zonas urbanas da capital Boa Vista/RR. Deste modo, o público-alvo desta pesquisa foi professores de ciências dos anos finais do Ensino Fundamental lotados em 24 (vinte e quatro) escolas da rede estadual de ensino, sendo estas localizadas no centro e nas zonas urbanas norte, sul, leste e oeste da capital roraimense. Vale ressaltar que o município de Boa Vista/RR possui um total de 46 (quarenta e seis) escolas que ofertam os anos finais do ensino fundamental.

Na segunda etapa, ocorreu a submissão da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Estadual de Roraima – UERR. Já na terceira etapa, após aprovação do CEP/UERR e emissão do parecer nº 4.474.953 e CAAE nº 40496920.7.0000.5621, realizou-se a coleta de dados foi mediante aplicação de um questionário semiaberto online ou digital sobre a educação sexual, organizado em dois blocos temáticos: perfil do docente, que abordava a formação acadêmica do

participante; e a educação sexual no ensino, que tratava das práticas pedagógicas, recursos didáticos e percepções do professor acerca da educação sexual. O questionário foi disponibilizado para 24 professores de ciências, lotados nas vinte e quatro escolas selecionadas, de forma online por meio de um link ou documento digital, através do e-mail e/ou do aplicativo de mensagens (WhatsApp).

Na quarta etapa, ocorreu a análise de dados por meio da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin, que consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2011, p.38) e se organiza em torno de três polos cronológicos: A pré-análise; A exploração do material; e O tratamento dos resultados e interpretação.

Para a organização dos dados e realização da análise, houve atribuição de códigos de identificação para cada respondente. O código tem como finalidade facilitar a identificação de cada questionário no banco de dados, além de garantir o anonimato dos participantes (Krützmänn; Neto, 2019). Cada código contém a sigla da zona correspondente, por exemplo, Zona Norte – “ZN”, seguida do número referente a ordem de aplicação do questionário, indo de “1” até o número de participantes em cada zona amostrada. Por exemplo, um professor da zona norte que foi o primeiro a responder o questionário, teve como código “ZN1”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra da pesquisa foi constituída por 24 professores de ciências do ensino fundamental anos finais, no entanto, apenas 18 professores (75%) aceitaram participar e responderam ao questionário, enquanto que 6 professores (25%) não aceitaram a participar da pesquisa. Quanto à categoria profissional dos 18 professores que responderam ao questionário, todos são formados em Ciências Biológicas, exceto um professor(a) que é formado em Química, mas atua no ensino de ciências. O período de atuação no ensino de ciências dos professores respondentes varia entre 5 a 25 anos.

Quando questionados sobre a capacitação para trabalhar o tema educação sexual na escola, 9 professores (50%) responderam que já receberam alguma orientação ou capacitação acerca da educação sexual, enquanto que os outros 50% afirmaram não terem capacitação e nem ter recebido alguma orientação para desenvolver a temática no ensino. Resultado diferente do encontrado por Ramiro; Matos (2008) em um estudo com professores portugueses, onde a maioria (77,6%) não possuía formação complementar em educação sexual e por Rufino et al. (2013) em uma pesquisa com professores de três escolas públicas estaduais em Goiânia - GO, em que 86,2% dos entrevistados referiram não possuir formação na temática sexualidade. Jardim; Brêtas (2006) ressaltam que os professores são fundamentais na educação sexual, por isso é preciso que participem de um amplo e profundo processo de formação tanto de conhecimento quanto de metodologia para adquirir segurança e ensinar os alunos a pensar e discutir.

Em relação ao desenvolvimento de atividades e discussões de temas relativos à educação sexual nas aulas, 83,3%, o que corresponde a 15 professores, afirmaram trabalhar a temática em suas salas de aula. Quando questionados sobre em qual ano este trabalho é realizado, dos 15 professores (83,3%) que trabalham a educação sexual, 1 professor (6,7%) alegou que desenvolve a temática com seus alunos do 9º ano e 14 professores (93,3%) afirmaram que trabalham a educação sexual com o 8º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, indo de acordo com o que é estabelecido pela BNCC e pelo DCR, onde a temática sexualidade deve ser trabalhada na disciplina de Ciências, apenas no 8º ano, com enfoque nos mecanismos reprodutivos, puberdade, gravidez indesejada, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis e dimensões da sexualidade humana (Brasil, 2018; Roraima, 2019), deixando de lado a transversalidade empregada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN.

Essa restrição da educação sexual à disciplina de ciências estabelecida pela BNCC, nos levou a questionar se os professores acreditavam que o ensino dessa temática na escola é de responsabilidade exclusiva dos professores de Ciências e Biologia. De modo em que todos os respondentes (100%) afirmaram que não consideravam a área de ciências biológicas como a única responsável pelo desenvolvimento da educação sexual na escola. Resultado similar foi encontrado por Ramiro; Matos (2008) no estudo com professores portugueses, no qual os participantes discordaram de que só os professores de biologia têm responsabilidade na educação sexual, assumindo que é responsabilidade de todos. Porém, Mattos et al. (2008) encontraram um resultado diferente em uma pesquisa com professores, alunos, pedagoga e diretora de um colégio estadual de Matinhos – PR, cujo 96% dos entrevistados consideram as disciplinas de ciências ou biologia ideais para abordar a questão da educação sexual, enquanto que apenas 4% consideram que esses conteúdos devem ser trabalhados em todas as disciplinas.

Quanto a quem deveria desenvolver o trabalho da educação sexual na escola, a maioria dos professores apontam, em suas respostas, o aspecto interdisciplinar, com todos os docentes envolvidos, bem como o professor de educação física, o de artes, o orientador educacional, a coordenação pedagógica e o psicólogo (Figura 01).

Essa abordagem da educação sexual sob uma perspectiva transversal e interdisciplinar, apontada pelos PCN's, é de extrema relevância, pois, de acordo com Caridade (2008), a promoção da saúde não é o único objetivo da educação sexual, mas sim fornecer apoio, cooperação e auxílio aos jovens durante o processo de desenvolvimento fisiológico, psicológico, emocional, cultural e moral, para que possam desenvolver autonomia e responsabilidade, além de promover o respeito por si próprio e pelo próximo.

Na revisão sistemática em 101 (cento e um) artigos realizados por Furlanetto et al. (2018) sobre a educação sexual e os profissionais que desenvolvem as ações dessa temática nas escolas, os professores de Ciências e Biologia têm sido os principais

Figura 02: Nuvem de palavras – Dificuldades apontadas pelos professores no ensino da educação sexual na escola.



Fonte: Autora, 2021.

fundamental é muito difícil, devido às famílias não concordarem e até discutir com o professor” (Participante ZN1).

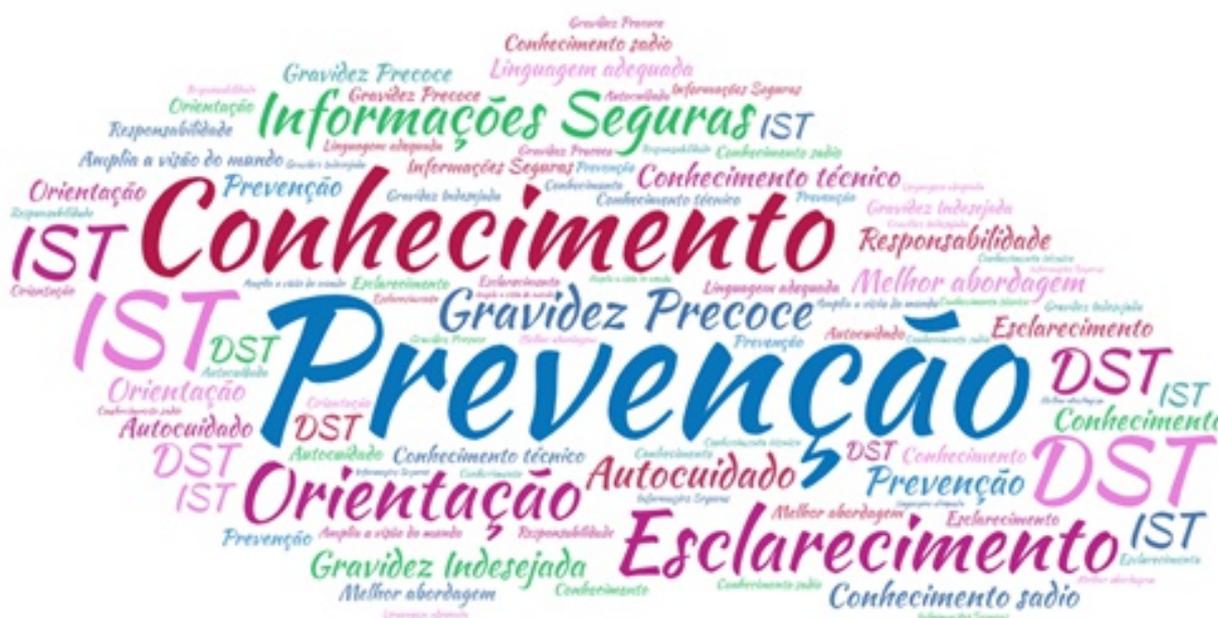
Já o participante ZO14 trabalha a educação sexual em suas aulas e ressalta que “Sou cristã, e acredito que se a orientação sexual for direcionada de forma correta não vai ferir o direito de nenhum aluno ou família, sempre com respeito e com uma linguagem favorável a compreensão de todos. Educação sexual não é levantar uma bandeira de gênero, inicia-se pelo conhecimento da fisiologia humana e podem ser explorados contextos sociais, econômicos, saúde, etc.”

Segundo os autores Caridade (2008) e Carvalho et al. (2019), alguns grupos religiosos e famílias são contra o envolvimento da escola na educação sexual, pois enxergam a sexualidade como promiscuidade e imoralidade, acreditando que a abordagem da temática irá incentivar o início precoce das atividades sexuais dos jovens. Tais pensamentos vão totalmente contra os objetivos da educação sexual, além de que restringir o acesso às informações provavelmente promoverá a alienação das crianças e adolescentes, podendo colocar a sua saúde física e emocional em risco.

Além da religião e incompreensão dos pais, a ausência de material didático foi fortemente apontada como uma dificuldade no desenvolvimento da temática. Neste sentido, Nogueira et al. (2016) destacam que o material didático é extremamente necessário, pois é o meio pelo qual o professor transmitirá os conteúdos aos seus alunos, auxiliando-o na abordagem dos temas sobre sexualidade e tendendo a fornecer uma aprendizagem mais significativa.

Em relação à importância da educação sexual na escola, todos os respondentes (100%) concordaram que é importante trabalhar a temática dentro da instituição de ensino, alegando que seria uma forma de levar informações seguras e orientação aos discentes, além de fornecer o conhecimento adequado para a prevenção contra IST (Infecções sexualmente transmissíveis), DST (Doenças sexualmente transmissíveis), e gravidez indesejada e/ou precoce. A nuvem de palavras abaixo traz uma síntese dos motivos que tornam a educação sexual importante no ensino de acordo com os professores respondentes (Figura 03).

Figura 03: Nuvem de palavras – Importância da educação sexual na escola na visão dos professores.



Fonte: Autora, 2021.

Deste modo, Nogueira et al. (2016) destacam que a educação sexual vem sendo reconhecida pela maioria dos professores como necessária no processo formativo dos alunos, sendo este o primeiro passo para uma transmissão de conhecimento efetiva dentro da sala de aula. Porém, observa-se que os professores, embora aleguem que a temática necessita de uma abordagem interdisciplinar, ainda estão presos ao aspecto biológico da educação sexual, pois a prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce são fortemente elencadas, apenas dois professores citam, indiretamente, as outras dimensões dessa temática:

Participante ZO12 – “Para saber se auto cuidar”.

Participante ZN2 – “Esclarece os alunos. Previne doenças e gravidez precoce. Amplia a visão de mundo”.

Esse “autocuidado” pode ser tanto no aspecto clínico, em questão de prevenção de doenças e de higiene pessoal, quanto no aspecto emocional. Enquanto que o “amplia a visão de mundo” pode ser inferido como a dimensão sociocultural da sexualidade humana e a sua inerente diversidade.

Quanto aos recursos didáticos usados ao abordar a temática, os vídeos (75%), debates (68,8%), palestras (62,5%), livros paradidáticos/complementares (62,5%) e modelos didáticos/materiais representativos (50%) são os mais utilizados. As reportagens (31,3%), panfletos (18,8%) e gibis (6,3%) também foram elencados.

Observa-se que tanto a metodologia quanto o recurso didático que tiveram maior destaque pelos professores foram as aulas expositivas e os vídeos, integrando uma metodologia de transmissão de conhecimento, onde os alunos apenas recebem as informações, sem discuti-las (Barbosa et al., 2019b). No entanto, os grupos de discussão e os debates também tiveram um grande destaque, consistindo em uma metodologia mais participativa e dialógica, indo de acordo com a proposta de Jardim; Brêtas (2006), onde deve-se usar uma metodologia participativo-construtivista, visando partir do conhecimento prévio do aluno sobre o assunto e ir preenchendo as lacunas nas informações, pois “a educação sexual na escola não deve trazer respostas prontas, mas problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que cada um escolha seu próprio caminho” (Jardim; Brêtas, 2006, p.159).

Ao serem questionados se a escola na qual lecionam desenvolve algum projeto na área de educação sexual, apenas 17 professores (94,4%) responderam, dos quais 16 professores (94,1%) afirmaram que a sua escola de atuação não possui nenhum projeto nesta temática, somente a escola de 1 respondente (5,9%) desenvolve algum projeto. Quando perguntado qual seria esse projeto, o professor respondeu:

Participante ZO5 – “A escola convida enfermeiros para ministrar palestras no decorrer do ano”.

O que é sugerido pelo DCR como orientação didática/metodologia da habilidade (EF08CI09), pertencente à unidade temática ‘Vida e Evolução’ da disciplina de ciências do 8º ano dos anos finais do ensino fundamental.

(EF08CI09) Entre outras atividades, solicite a participação de um profissional da saúde para realizar uma palestra a respeito das DST's. Proponha que seja feito relatório dos principais pontos abordados. Solicite que os alunos produzam um jogo didático sobre os métodos contraceptivos (Roraima, 2019, p.445).

Os autores Jardim; Brêtas (2006), em uma pesquisa com professores da rede de ensino público do município de Jandira – SP, identificaram resultado semelhante, no qual apenas 36% dos professores relataram que a sua escola já desenvolveu alguma atividade em educação sexual, sendo que 14% delas restritas a palestras isoladas realizadas por convidados.

As palestras são fortemente citadas pelos professores tanto como meio de melhorar o trabalho da educação sexual na escola, como um dos recursos didáticos mais utilizados por eles. Porém, segundo Jardim; Brêtas (2006), as palestras podem ter um impacto imediato e alterar momentaneamente a percepção sobre algum assunto, contudo, por serem episódicas e desprovidas de continuidade, raramente modificam atitudes, devendo ser restritas neste processo.

De acordo com Bertasso (2013), no ambiente escolar, a abordagem da sexualidade deve aproximar a teoria da prática, com o objetivo de viabilizar o processo de ensino-aprendizagem, sendo necessário a utilização de práticas pedagógicas com abordagem problematizadora, uso de recursos instrucionais, atividades em grupo e etc., que abram espaço para discussões e reflexões sobre os temas da sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade está presente em todos os ambientes e é inerente ao ser humano, deste modo se faz necessário que a educação sexual ocorra ao longo de todas as fases do desenvolvimento humano, sendo de suma importância a abordagem familiar e escolar sob uma perspectiva complementar.

Na escola, os documentos que norteiam o desenvolvimento da educação sexual são conflitantes. E tal contradição é demonstrada pelos professores que participaram da pesquisa, pois estes seguem às orientações da BNCC e das Diretrizes Curriculares de Roraima, mas acreditam que a transversalidade/interdisciplinaridade da temática sexualidade empregada pelo PCN deveria ser adotada no ensino.

Como objeto desse estudo, os professores acreditam que a educação sexual tem como finalidade a promoção da saúde, sendo importante para orientar sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada ou precoce. Embora defendam, indubitavelmente, a interdisciplinaridade, os resultados mostram que os professores ainda estão presos ao aspecto biológico da educação sexual, deixando de lado as dimensões sociocultural, psicológica, afetiva e ética da sexualidade humana.

Os professores deste estudo assumem que a educação sexual é responsabilidade de todos os professores independentemente da disciplina de atuação, reconhecendo a necessidade de capacitação para a aquisição de conhecimento técnico e científico, e do desenvolvimento de projetos interdisciplinares sobre a temática. Porém, constatamos que as suas práticas pedagógicas estão divididas entre a transmissão de conteúdo, onde se faz uso de aulas expositivas como metodologia e de vídeos e palestras como recursos didáticos, e as metodologias participativo-dialógicas, na qual se utiliza os grupos de discussão e debates como método e recurso didático, respectivamente, o que indica uma possível transição das práticas pedagógicas, onde os professores estão saindo das metodologias de transmissão de conhecimento e indo rumo às metodologias participativo-construtivistas.

A importância da parceria entre escola, família e profissionais de saúde é perceptível aos professores e sugerida pelo DCR. Deste modo, considera-se pertinentes ações conjuntas desenvolvidas pela secretaria de saúde em parceria com a secretaria de educação, visando a realização de projetos com ações contínuas em vez de ações pontuais.

Nesta pesquisa, a família e a ausência de material didático se apresentaram como os maiores impedimentos ao desenvolvimento da educação sexual na escola. Sendo assim, sugerimos que antes de trabalhar a educação sexual com os alunos talvez seja necessário trabalhá-la com os pais, para que compreendam que querendo ou não a sexualidade estará presente em todos os ambientes frequentados pelo sujeito, principalmente através dos meios de comunicação, sendo impossível torná-la inacessível ao jovem. Portanto, encarregar essa abordagem aos professores é imprescindível, pois é um dos únicos meios do jovem ter acesso às informações seguras, sadias e benéficas. A produção e distribuição de material didático adequado à temática também são pertinentes.

Por fim, a educação sexual não é importante apenas para o aluno saber como se prevenir de doenças e gravidez precoce ou indesejada, mas também para ter conhecimento de que os sentimentos e transformações decorrentes do seu desenvolvimento fisiológico, biológico, psicológico e emocional são normais, que ele deve tanto ser respeitado quanto respeitar o outro apesar das diferenças. A educação sexual não é para ensinar ou incentivar o início precoce das práticas sexuais, mas sim para ensinar o jovem a ter autonomia sobre o próprio corpo e orientá-lo a desenvolver atitudes e valores éticos e morais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, L. U.; VIÇOSA, C. S. C. L.; FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. *Revista Eletrônica Acervo Saúde / Electronic Journal Collection Health*, v.11, ed. 10, p.10, 2019a.
- BARBOSA, L. U.; VIÇOSA, C. S. C. L.; SOUSA, B. S. A.; FOLMER, V. O Silêncio da Família e da Escola Frente ao Desafio da Sexualidade na Adolescência. *Ensino, Saúde e Ambiente*, v.12, ed.2, p. 31-49, 2019b.
- BARCELOS, N. N. S.; JACOBUCCI, D. F. C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 10, n.2, p.334-345, 2011.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, ed.3, 2011, p.225.
- BERTASSO, S. C. Estratégias de ensino na abordagem de conceitos sobre sexualidade e formação de valores. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor – PDE (Produções Didático-Pedagógicas), v.2, p.13, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Terceira versão revista, Brasília, p.468, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, p. 164,1997.
- CARIDADE, M. D. C. M. O Papel da Escola e da Educação em Ciências na Educação Sexual dos Adolescentes: Concepções de Professores de Ciências da Natureza/

Naturais e de Encarregados de Educação da Escola EB 2 e 3 de Cabeceiras de Basto. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação, Área de Especialização em Supervisão Pedagógica em Ensino das Ciências). Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia, Portugal, 17 de novembro de 2008.

CARVALHO, L. G. L.; JARDIM, M. C.; GUIMARÃES, A. P. M. Educação sexual na perspectiva dos temas transversais: uma revisão de literatura. *Educationis*, v.7, n.2, p.19-29, 2019.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum – Londrina: UEL, p.190, 2009.

FREITAS, W. R. S.; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Estudo & Debate*, Lajeado, v.18, n.2, p.07-22, 2011.

FURLANETTO, M. F.; LAUERMAN, F.; COSTA, C. B. D.; MARIN, A. H. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos De Pesquisa*, v.48, n.168, p.550-571, 2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS, Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Editora da UFRGS, Porto Alegre, ed.1, p.120, 2009.

JARDIM, D.P.; BRÊTAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.59, n.2, p.157-162, 2006.

KRÜTZMANN, F. L.; NETO, L. C. B. D. T. Representações sociais de estudantes de biologia sobre as futuras atividades profissionais. *Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v.21, ed.10612, p.17, 2019.

LIRA, A.; JOFILI, Z. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? *REMPEC – Ensino, Saúde e Ambiente*, v.3, n.1, p. 22-41, 2010.

MAIA, A. C. B.; FARIAS, M. O.; PACINI, B.A.; FRANCISCO JÚNIOR, L. C.; FREITAS, R. M.C. Orientação Sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil. *Mimeses*, Bauru, v. 27, p.107-123, 2006.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para ação. *Doxa*, v.15, n.1, p.75-84, 2011.

MATTOS, A. H. D.; FERREIRA, A.; JABUR; S. S. O papel do educador na construção de uma sexualidade emancipadora no Colégio Estadual Gabriel de Lara em Matinhos – PR. In: *EDUCERE XV CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: DIVERSIDADE E INCLUSÃO*, p.4643-4656, 2008.

MEIRINHOS, M.; OSÓRIO, A. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: revista de educação*, v.2, ed.2, p.49-65, 2010.

- NOGUEIRA, N. S.; ZOCCA, A. R.; MUZZETI, L. R.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual no contexto escolar: As estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. HOLOS, v.3, ed.32, p. 319-327, 2016.
- PEREIRA, Z. M.; MONTEIRO, S. Gênero e Sexualidade no Ensino de Ciências no Brasil. Contexto & Educação, Editora Unijuí, v.30, n.95, p.117-146, 2015.
- RAMIRO, L.; MATOS, M. G. D. Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. Revista Saúde Pública, v.42, ed.4, p.684-692, 2008.
- REIS, V. L. D.; MAIA, A. C. B. Educação Sexual na Escola com a Participação da Família e o uso de Novas Tecnologias da Educação: Um Levantamento Bibliográfico. Cadernos de Educação|FaE/PPGE/UFPE, Pelotas, ed.41, p.188-207, 2012.
- ROCHA, M. B.; FRANÇA, G. A. Gênero e Sexualidade: como os licenciandos em Ciências Biológicas concebem esses temas? Ensino, Saúde e Ambiente, v.6, ed.1, p. 21-34, 2013.
- RORAIMA. Conselho Nacional dos Secretários de Educação. Documento Curricular de Roraima. 3º versão, Roraima, 2019.
- ROSEMBERG, F. Educação sexual na escola. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, ed.53, p.11-19, 1985.
- RUFINO, C. B.; PIRES, L. M., OLIVEIRA, P. C.; SOUZA, S. M. B.; SOUZA, Márcia Maria de. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, v. 15, n. 4, p. 983-991, 2013.
- SILVA, C. A. D. Abordando sexualidade na escola. 2015. Dissertação (Especialização em Estratégia de Saúde de Família). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 07 de abril de 2015.
- VILAÇA, M. T. M. Acção e competência de acção em educação sexual: uma investigação com professores e alunos do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário. 2006. Dissertação (Doutorado em Educação, Área de Conhecimento de Metodologia do Ensino das Ciências). Universidade do Minho, Portugal, 04 de dezembro de 2006.
- ZANELLA, L. C. H. Metodologia de pesquisa. Departamento de Ciências da Administração/ UFSC – Florianópolis, ed.2, p.134, 2013.
- ZOMPERO, A. F.; LEITE, C. M.; GIANGARELLI, D. C.; BERGAM, M. C. B. A temática sexualidade nas propostas curriculares no brasil. Revista Ciências e Ideias, v.9, n.1, p.101-114, 2018.